



RELIGIÕES E CRENÇAS: TERMOS POLILEXICAIS CULTURAIS¹

RELIGIONS AND BELIEFS:
CULTURAL POLYLEXIAL TERMS

Marcela Moura Torres Paim²
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Neste artigo, apresenta-se uma análise das unidades fraseológicas no português falado nas capitais do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Os dados foram recolhidos de 200 inquéritos na parte do questionário semântico-lexical relacionada à religião e às crenças. Os dados foram levantados e analisados com o objetivo de fornecer uma análise que elenca as construções polilexicais, considerando o seu sentido adquirido contextualmente e a possível relação com os tabus linguísticos religiosos dos falantes.

Palavras-Chave: Unidades fraseológicas; Projeto Atlas Linguístico do Brasil; Religião e crenças.

Abstract: *In this article, we present an analysis of the phraseological units in Portuguese spoken in the capitals of the Linguistic Atlas of Brazil Project. Data were collected from 200 surveys in the part of the semantic-lexical questionnaire related to religion and beliefs. The data were collected and analyzed with the objective of providing an analysis that elucidates the polyplexical constructions, considering their contextually acquired meaning and the possible relation with the religious linguistic taboos of the speakers.*

Keywords: *Phraseological units; Project Linguistic Atlas of Brazil; Religion and beliefs.*

¹ Artigo desenvolvido no âmbito do Projeto CAPES-COFECUB 838/15.

² Endereço eletrônico da autora: mmtpaim@ufba.br.

INTRODUÇÃO

Ao se dedicar aos estudos da Fraseologia no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), é fundamental salientar as diferentes maneiras pelas quais ela pode ser investigada, conforme a corrente teórica seguida.

Neste artigo, inicialmente, apresentaremos uma breve revisão teórica dos estudos fraseológicos na perspectiva francesa. Na sequência, trataremos das considerações metodológicas, com o *corpus* de análise que toma por base as unidades fraseológicas presentes em Costa (2016) que foram apuradas por meio da análise do questionário semântico-lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (COMITÊ NACIONAL, 2001), campo religião e crenças.

Dessa forma, objetivamos mostrar a diversidade de unidades fraseológicas no português brasileiro falado apuradas por meio dos dados referentes às respostas apresentadas pelos informantes das 25 capitais³ brasileiras contempladas na pesquisa.

1 A FRASEOLOGIA FRANCESA

No uso da linguagem oral, o falante usa uma série de recursos discursivos para que a comunicação aconteça da maneira mais efetiva possível. Movido pelas mais distintas intenções, o falante recorre a estruturas pré-fabricadas, grupos de palavras, novos vocábulos e novos sentidos, adequando-se aos diferentes contextos comunicativos.

O léxico de uma língua é constituído por unidades heterogêneas que vão de vocábulos simples até sequências complexas formadas por vários vocábulos. Segundo Mejri (2012, p.140), ainda não existem critérios teóricos uniformes para reconhecer e caracterizar estas unidades complexas e essa combinatória de elementos que as formam.

A Fraseologia é o termo usado tanto para se referir ao conjunto de fenômenos fraseológicos como para a disciplina que os estuda. Conforme alguns pesquisadores, trate-se de uma subdisciplina da Lexicologia, já, para outros, é uma disciplina independente. Portanto, na literatura especializada, não há unanimidade entre os linguistas no que diz respeito ao *status* dessa área, à delimitação das unidades que podem ser objeto de investigação e, tampouco, em relação à categorização dessas unidades.

³ Brasília (Distrito Federal) - em vista da data de sua criação - e Palmas, capital do recém-criado Estado de Tocantins, cidade ainda em formação, sem habitantes nela nascidos, não entraram na rede de ponto do Projeto ALiB.

Neste artigo, partiremos do entendimento de fraseologismo posto por Mejrri (1997) que considera esse campo do estudo da linguagem como um fenômeno que se exprime através de associações sintagmáticas recorrentes que formam as *sequences figées*, modo como as unidades fraseológicas são denominadas nas pesquisas realizadas no âmbito da Fraseologia francesa. Segundo o referido autor, a fixação é o processo pelo qual tais associações sintagmáticas se realizam.

Le figement est en effect important à plus d'une trite: il engage toutes les dimensions du système Linguistique (phonétique, syntaxe, morphologie, prosodie, sémantique, etc.). Une séquence (...) couramment employée dans la conversation de tous les jours, illustre parfaitement l'imbrication de tous les niveaux que nous venons que mentionner. (MEJRI, 1997, p. 23)⁴

Dessa forma, é possível entender que a fixação é o processo pelo qual as formações sintagmáticas têm no seu conjunto, sintaxe interna correlacionada com o significado global, ou seja, o sentido da expressão não se constitui da soma do sentido de cada uma das palavras que a constituem individualmente, como é possível verificar como, por exemplo, para dizer *diabo*, tem-se a possibilidade de dizer: *besta-fera*, *coisa ruim* ou *príncipe dos céus*.

Segundo Gross (1996), o processo de fixação das unidades fraseológicas é uma propriedade das línguas naturais, cuja importância foi totalmente ignorada: sendo tratada, por quase todas as gramáticas, em um capítulo sobre a formação de palavras, paralelas à derivação.

1.1 A polilexicalidade

A polilexicalidade se refere ao número de elementos, ou seja, para ser considerado fraseologismo, a unidade fraseológica deverá ser formada por pelo menos duas unidades lexicais, armazenadas na memória como se fossem uma só.

Sobre a polilexicalidade, Gross (1996) afirma que

La première condition nécessaire pour qu'on puisse parler de figement est que l'on soit en présence d'une séquence de plusieurs mots et que ces mots aient, par ailleurs, une existence autonome. Cela exclut les suites formées à

⁴ O processo de fixação é, em efeito, importante: ele confirma todas as dimensões do sistema linguístico (fonética, sintaxe, morfologia, prosódia, semântica, etc.). Uma sequência (...) comumente empregada em conversas diárias, ilustra perfeitamente o entrelaçamento de todos os níveis que acabamos de mencionar. (MEJRI, 1997, p. 23. Tradução nossa.)

l'aide d'un afixe (prefixe, suffixe), qui relévent de ce qu'on appelle la derivation. (GROSS, 1996, p.9)⁵

Nesse sentido, entendemos que a polilexicalidade diz respeito à unidade fraseológica ser constituída por pelo menos duas unidades lexicais. Enquanto a fixação refere-se à relação entre a mobilidade e a variação dos constituintes de uma unidade fraseológica e o processamento da linguagem verbal.

Conforme esclarece Mejri (2012), os fraseologismos podem ser classificados em gramaticais e lexicais. O primeiro se refere às locuções que irão equipar todas as línguas para estruturar as frases e os discursos. Incluem-se as locuções conjuntivas e preposicionais, as adverbiais (advérbios de ligação, modalizadores etc.), conectores etc. O segundo inclui todas as sequências fixas e as colocações que garantem as funções de denominação e de categorização lexicais. São classificados em dois grupos: os fraseologismos da língua geral (comum) e os fraseologismos especializados.

Assim, fazem parte da fraseologia as lexias complexas, formadas por mais de uma unidade lexical – o que caracteriza o termo “polilexicalidade” (MEJRI, 1997), isto é, combinações fixas de significado único, estruturas sintáticas, gramaticais e semânticas, que não podem ser improvisadas e que nem sempre foram pensadas e estruturadas em nossa mente antes de as produzirmos.

Perseguindo a linha de interesse lexical, este artigo está voltado para a análise de diferentes manifestações da língua portuguesa no Brasil, caracterizadas por usos particulares e específicos de uma área ou de um conjunto de áreas urbanas, geograficamente definidas e linguisticamente identificadas. Analisaremos as unidades fraseológicas documentadas nas capitais brasileiras, com base no que documentam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Para tanto, apresentaremos o conjunto de fraseologias registradas no campo semântico religião e crenças, das quais se selecionam algumas para considerações específicas.

⁵ A primeira condição necessária para que possamos falar de fraseologismo é que se esteja na presença de uma sequência de várias palavras e essas palavras tenham, além disso, uma existência independente. Isto exclui composições formadas pelo acréscimo de afixos (prefixo, sufixo), que se enquadram na chamada derivação. (GROSS, 1996, p. 9. Tradução nossa.)

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Antes de examinar os dados, é necessário aclarar algumas questões concernentes aos procedimentos metodológicos norteadores do trabalho. Neste item, arrolamos os dados gerais do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e informações sobre o *corpus* da pesquisa, o questionário (recorte campo lexical: religião e crenças), as localidades pesquisadas e os informantes selecionados.

2.1 O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

O Projeto ALiB tem por meta a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa. Trata-se de um projeto de caráter nacional e em desenvolvimento desde 1996. Nele estão envolvidas, hoje, 14 (quatorze) universidades brasileiras signatárias de um convênio de cooperação interinstitucional firmado entre as instituições. Executar um plano de tão grande amplitude e visibilidade requer empenho e compromisso de muitos pesquisadores brasileiros vinculados a cada universidade participante, o que vem se confirmando ao longo de mais de uma década de trabalho da Equipe de pesquisadores do ALiB.

Buscamos, com o Projeto ALiB, o estudo da língua portuguesa no Brasil, para cá transplantada e implantada. Documentar o estado atual da língua portuguesa, cinco séculos após a chegada dos portugueses ao Brasil, implica resgatar ou demonstrar, necessariamente: resquícios dos contatos entre língua portuguesa, línguas indígenas e línguas africanas; mudanças sociais operadas na sociedade ao longo deste período (relação entre rural x urbano, escolarização em massa, projetos de povoamento do interior do país e da região centro-oeste) e constituição demográfica do país.

Para concretizar o desejo de produzir o Atlas Linguístico do Brasil, os pesquisadores constituíram um Comitê Nacional, responsável por gerenciar as atividades do empreendimento, tendo como uma de suas metas manter a unidade teórico-metodológica do projeto e garantir a execução das atividades de modo conjunto e coordenado.

De 1996 até 02 de maio de 2018, o Projeto ALiB teve como Diretora-Presidente a saudosa Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Universidade Federal da Bahia). Atualmente, a coordenação do Projeto ALiB está sob a responsabilidade de um Comitê Nacional, constituído de 13 (treze) membros assim estruturado: Diretora Presidente – Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia), Diretora Executiva – Silvana Soares Costa Ribeiro

(Universidade Federal da Bahia), Diretores Científicos: Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará); Aparecida Negri Isquierdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Conceição Maria de Araújo (Universidade Federal do Maranhão); Fabiane Cristina Altino (Universidade Estadual de Londrina); Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina); Marcela Moura Torres Paim (Universidade Federal da Bahia); Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal da Paraíba/Federal do Ceará); Marilúcia Barros de Oliveira (Universidade Federal do Pará); Regiane Coelho Pereira Reis (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Valter Romano (Universidade Federal de Lavras) e Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina).

2.2 O corpus

O Projeto ALiB privilegia o estudo da variação espacial ou diatópica, não deixando, entretanto, de considerar a variação social. Documenta-se a fala de diversos informantes em contextos de fala específicos (conversa com perguntas e respostas, relatos de situações pessoais e leitura de texto) de modo a permitir estudar a variação diafásica, a variação diageracional, a variação diassexual e a variação diastrática.

O ALiB fundamenta-se nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, com a meta de mapear o Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos, 'in loco', a 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos —, pelos dois sexos e, nas capitais de Estado, em número de 25 (as capitais Palmas, Estado de Tocantins, e Brasília, Distrito Federal, se excluem por questões metodológicas em virtude de serem cidades recém-criadas), por dois níveis de escolaridade — fundamental e universitário —, ficando os demais pontos da rede com apenas informantes do nível fundamental.

Ao se concluir a recolha de dados da rede programada, algumas considerações iniciais já podem ser feitas sobre áreas dialetais brasileiras. O resultado imediatamente esperado do Projeto ALiB é, evidentemente, a produção do próprio atlas, cujos volumes iniciais, Introdução e Cartas Linguísticas I, foram publicados em 2014.

O volume 1, com 212 páginas, apresenta a trajetória do Projeto ALiB e descreve os passos metodológicos seguidos. Agregam-se a essa parte a

reprodução dos instrumentos metodológicos utilizados e apêndices que complementam a informação.

Dos instrumentos metodológicos figuram:

- Os questionários linguísticos, apresentados na sua versão inicial uma vez que, no curso da pesquisa algumas alterações ditadas pela experiência em campo foram processadas.
- As fichas de anotação de dados da localidade e do informante.
- O quadro de controle de respostas, instrumento que permitia ao auxiliar de pesquisa, marcando as respostas não obtidas, avaliar, de imediato o rendimento daquele inquirido em função do percentual de respostas dadas e assim poder o inquiridor validá-lo ou não, porque se tinha estabelecido um teto percentual a partir do qual não se teriam os elementos representativos da localidade.

Nos Apêndices estão a rede de pontos, a lista de pesquisadores do ALiB, a lista de inquiridores e de auxiliares e a relação de Bolsistas de Iniciação Científica e de Apoio Técnico, vinculados a diferentes programas oficiais de financiamento da pesquisa.

O volume 2 apresenta, nas suas 368 páginas, um primeiro conjunto de cartas linguísticas que contemplam resultados, relativos às capitais de estado, no campo da fonética, do léxico e da morfossintaxe, trazendo, em alguns casos, além da visão diatópica, um enfoque diageracional, diassexual e diastrático.

De forma introdutória, figuram 10 cartas que fornecem dados de caráter geral sobre aspectos políticos e geográficos do país, com detalhamento das regiões geográficas nas quais se identificam os pontos da rede em cada uma delas. A essas seguem-se as cartas linguísticas, propriamente ditas:

- cartas fonéticas que abordam seis fatos descritos e analisados num conjunto de 46 cartas;
- cartas semântico-lexicais, prioritariamente onomasiológicas, mas incluindo duas cartas semasiológicas, num total de 106 cartas que contemplam oito das 14 áreas semânticas constantes do questionário semântico-Lexical e focalizam os dados numa perspectiva geral — cartas diatópicas gerais — e com indicação por região — cartas diatópicas regionais;
- cartas morfossintáticas, em número de sete, com dados referentes à flexão de número e de gênero, à distribuição dos pronomes de tratamento e à utilização do verbo *ter* com valor existencial.

Algumas cartas, e na sua maioria, estão acompanhadas de notas que trazem comentários dos informantes e manifestações do inquiridor ou do responsável pela elaboração da carta, com vistas a elucidar aspectos considerados relevantes. Esse tipo de dados que se agrega às cartas constitui-se em fonte significativa para outros tipos de estudo para além dos exclusivamente linguísticos.

Nesta pesquisa, consideraremos fatos relacionados à diversidade diatópica, não se incluindo, para esse momento, a diferenciação diageracional e diassexual, embora, no levantamento e análise dos dados, essas variáveis sociais tenham sido controladas sistematicamente.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Tomamos como base de dados para análise um conjunto de unidades fraseológicas que oferecem os dados das capitais do Projeto ALiB e que também vêm apresentadas em Costa (2016).

Apresentamos, a seguir, as unidades fraseológicas, que foram obtidas nas respostas dos informantes e que correspondem ao conteúdo solicitado pela pergunta 147, *Deus está no céu e no inferno está...?*, (COMITÊ... 2001, p. 33), do questionário semântico-lexical, ordenadas alfabeticamente e identificadas, que se constituem num conjunto de nove expressões⁶.

A

Anjo do mal – Goiânia, Inf. 8.

Anjo mau – Curitiba, Inf. 5 e São Luís, Inf. 6.

Aquele que ronca e fuça – Macapá, Inf. 7.

B

Besta-fera – Teresina, Inf. 2 e Cuiabá, Inf. 2.

Bicho feio – Macapá, Inf. 6.

Bicho ruim – Fortaleza, Inf. 3 e Vitória, Inf. 1 e 3.

⁶ Além das unidades fraseológicas registradas e que são alvo da análise aqui trazida, foram documentadas unidades simples tais como *capeta*, *demônio*, *diabo*, *lúcifer* ou *satanás* que foram estudadas em Costa (2016) e que serão tratadas em outros estudos com os dados coletados pelo Projeto ALiB, a exemplo do Dicionário Dialetal Brasileiro e os próximos volumes do Atlas a serem publicados.

C

Coisa ruim – Porto Velho, Inf. 7, Manaus, Inf. 5, Rio Branco, Inf. 5, São Luís, Inf. 5, Fortaleza, Inf. 6, João Pessoa, Inf. 5, Maceió, Inf. 2, Aracaju, Inf. 3, Salvador, Inf. 5, Belo Horizonte, Inf. 2, São Paulo, Inf. 5 e 8, Curitiba, Inf. 5, Florianópolis, Inf. 8, e Cuiabá, Inf. 7.

Cruz credo – Boa Vista, Inf. 6.

E

Estrela vermelha – São Paulo, Inf. 1.

P

Príncipe dos céus – São Luís, Inf. 5.

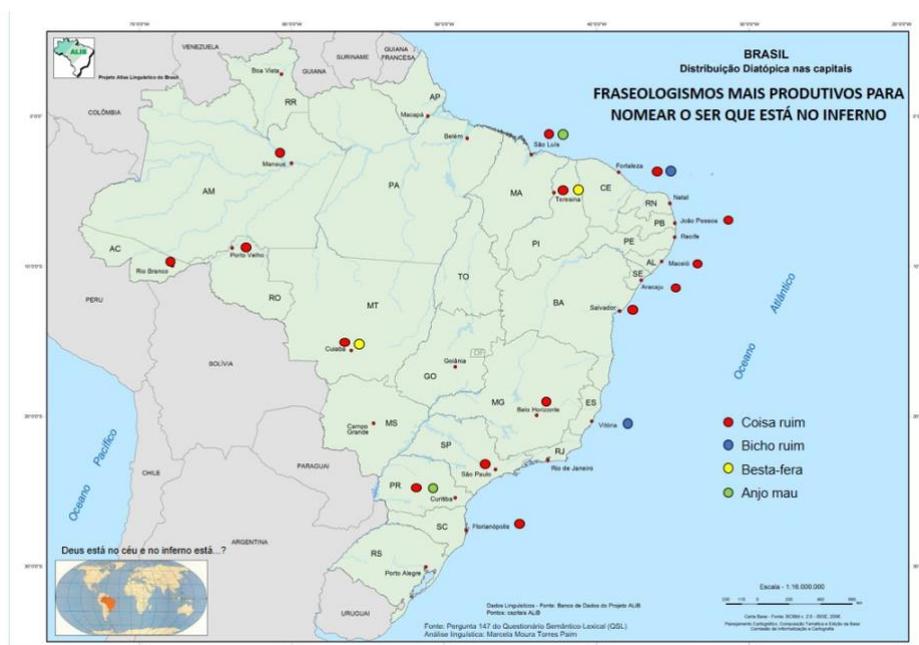
Considerando a forma como se estruturam, identificamos os seguintes tipos, dos quais apresentamos descrição seguida de exemplo ilustrativo.

a) SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + ARTIGO + SUBSTANTIVO – Ex.: *anjo do mal* e *príncipe dos céus*.

b) SUBSTANTIVO + ADJETIVO – Ex.: *anjo mau*, *besta-fera*, *bicho feio*, *bicho ruim*, *coisa ruim*, *cruz credo* e *estrela vermelha*.

Do ponto de vista da distribuição diatópica, é possível visualizar os dados por meio das cartas linguísticas a seguir:

Carta 1 – Unidades fraseológicas mais produtivas utilizadas para nomear o ser que está no inferno



Fonte: Banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Carta 2 – Unidades fraseológicas menos produtivas utilizadas para nomear o ser que está no inferno



Fonte: Banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Como é possível perceber nos dados levantados, nas capitais estudadas, foram quatro os fraseologismos mais produtivos: *coisa ruim* (15 ocorrências); *bicho ruim* (3 ocorrências); *besta-fera* (2 ocorrências) e *anjo mau* (2 ocorrências).

3.1 Comentários a algumas unidades fraseológicas

O conjunto de unidades fraseológicas registradas para nomear o ser que está no inferno nas capitais brasileiras apresenta interesse linguístico-cultural uma vez que possibilita elementos para interpretação da relação homem-meio em que vive. Assim, destacamos alguns contextos, em que as unidades fraseológicas analisadas foram registradas, para apresentar a maneira como se dá o seu uso.

Ao analisar o contexto em que as unidades fraseológicas estavam presentes, percebemos que os informantes, em sua maior parte, não possuíam problemas em mencionar todas as denominações conhecidas para o ser que fica no inferno. Vejamos em (1) o depoimento do informante jovem universitário de Curitiba, em (2) da informante da faixa etária 2, universitária de Goiânia, em (3) da informante jovem de nível fundamental de Teresina, em (4) da informante jovem universitária de Macapá, em (5) do informante idoso de nível

fundamental de Fortaleza, em (6) da informante jovem universitária de Boa Vista e em (7) do informante jovem universitário de São Luís:

- (1) INQ. – Deus está no céu e no inferno tá quem?
INF. – O diabo, tem mais nomes.
INQ. – Fala, então.
INF. – Diabo, sataná, satã, *coisa ruim*, *anjo mau*, mas o mais conhecido é diabo.

Inq. 220/05 (Curitiba – PR)

Inf.: homem, faixa etária 1, nível universitário

- (2) INQ. – Deus está no céu e no inferno está o...?
INF. – O demônio.
INQ. – Fala todos os nomes que você souber dele.
INF. – Lúcifer, né? *Anjo do mal*, né?

Inq. 123/08 (Goiânia – GO)

Inf.: mulher, faixa etária 2, nível universitário

- (3) INQ. – Deus está no céu e no inferno está o...?
INF. – Chama cão, sataná, o demônio, aí, meu Deus, é tanto nome, a desgraça, a *besta-fera*.

Inq. 034/02 (Teresina – PI)

Inf.: mulher, faixa etária 1, nível fundamental

- (4) INQ. – Bom, a gente costuma dizer que Deus está no céu e no inferno está?
INF. – Está o diabo.
INQ. – Isso. Quais outros nomes que você conhece para ele?
INF. – Satanás, *bicho feio*, é só esses.

Inq. 002/06 (Macapá – AP)

Inf.: mulher, faixa etária 1, nível universitário

- (5) INQ. – Deus está no céu e no inferno está...?
INF. – Ah, o diabo, cão, demônio, *bicho ruim* (risos).

Inq. 041/03 (Fortaleza – CE)

Inf.: homem, faixa etária 2, nível fundamental

- (6) INQ. – No céu, está Deus, no inferno está...?
INF. – O diabo.
INQ. – Todos os nomes dele que você sabe...
INF. – Todos os nomes que eu sei?
INQ. – É.
INF. – O cão, o *cruz-credo*, Lúcifer...
INQ. – Isso.
INF. – Tem o sataná.
INQ. – Isso.
INF. – Tem vários nomes...
INQ. – Certo.

Inq. 003/06 (Boa Vista – RR)

- (7) INQ. – Deus está no céu e no inferno está...?
INF. – O diabo.
INQ. – Conhece outros nomes?
INF. – O demônio, o cão, capeta, o *coisa ruim*. Tem outros nomes, mas não são tão comuns. *Príncipe dos céus* é o diabo, pouca gente sabe.
Inq. 026/05 (São Luís – MA)
Inf.: homem, faixa etária 1, nível universitário

Por outro lado, também, houve, informante com uma tendência de evitar a pronúncia de termos considerados malditos, ou relembrando de um passado em que havia a proibição de mencionar o nome do ser que está no inferno, o que podemos verificar em (8), no depoimento do informante jovem de nível fundamental de São Paulo e em (9) na fala da informante idosa de nível universitário de Florianópolis:

- (8) INQ. – Deus está no céu e no inferno está quem?
INF. – Xi... tô fora. Não conheço essa linguagem não. É o inimigo.
INQ. – Conhece algum outro nome para ele?
INF. – Aff... tem vários nomes pra esse cara aí, viu? Tem vários. Tem que falar declarado mesmo? Eu sei que ele vai gostar de chamar o nome dele, né? É... é o *estrela vermelha*.
Inq. 179/01 (São Paulo – SP)
Inf.: homem, faixa etária 1, nível fundamental
- (9) INQ. – Deus está no céu e no inferno quem é que está?
INF. – O diabo.
INQ. – Outros nomes?
INF. – Olha aqui, eles diziam o tbinga. Ah, tbinga, eu me lembro bem assim, quando eu era criança, porque a gente nem tinha, nem podia pronunciar esse nome, né? O diabo. Ninguém dizia aquele, o *coisa ruim*.
Inq. 230/08 (Florianópolis – SC)
Inf.: mulher, faixa etária 2, nível universitário

Nos exemplo (8) e (9), os informantes demonstram a existência de uma preocupação relacionada a não querer proferir as denominações para o ser que está no inferno, como se, ao pronunciá-las, fosse possível correr o risco de sofrer algum castigo ou maldição. Essa constatação também foi observada por Costa (2016):

(...) muitos informantes se sentem desconfortáveis para proferir o nome diabo e parecem crer que a simples pronúncia do termo pode representar uma invocação ao espírito do mal ou uma reverência àquele que é considerado o anjo rebelde. Desse modo, não raro recorrem a metáforas ou eufemismos para responderem à pergunta 147 do QSL do Projeto ALiB.

Conforme Souto Maior (1975), a causa pela abundância de eufemismos para o diabo foi o medo que se tinha antigamente de pronunciar seu nome. Havia uma antiga crença que dizia não ser bom falar seu nome, pois ele podia aparecer na mesma hora, trazendo infelicidade para a família. (COSTA, 2016, p.185)

No que diz respeito à utilização das unidades fraseológicas, percebemos que tanto há informantes que as utilizam no seu repertório, com diversidade, para denominar o ser que está no inferno, também existem aqueles que procuram evitá-las, por considerá-las impuras e causadoras de malefícios e, por isso, se esquivam, ou seja, preferem não mencioná-las. Assim também como existem informantes que mencionam as denominações e emitem uma opinião sobre elas como pode ser visualizado nos exemplos (10) e (11):

- (10) INQ. – Deus está no céu e no inferno está quem?
INF. – O diabo.
INQ. – Tem mais algum nome que vocês tratam por aqui?
INF. – Sem ser o diabo?
INQ. – É
INF. – *Besta-fera*.
INQ. – Hum.
INF. – Que fala que vai descer na terra né tem *besta-fera*, tem... um o diabo e tem mais um nome que os outros fala que gostam de falar é...
...zebu, acho muito feio.

Inq. 230/02 (Cuiabá – SC)

Inf.: mulher, faixa etária 1, nível fundamental

- (11) INQ. – Agora de crenças. Deus está no céu e no inferno está o...?
INF. – O diabo.
INQ. – Tem outro nome?
INF. – Aqui a gente chama o, diabo, demônio, o rabudo, rabudo, capeta, é belzebu, é mais assim mesmo, né, satanás. Dificilmente a gente ouve assim *aquele que ronca e fuça*, são mais expressões, assim, interiorianas, né, do Nordeste, de Minas assim...

Inq. 002/07 (Macapá – AP)

Inf.: homem, faixa etária 2, nível universitário

Em relação à distribuição semântica dos dados, como expõe Costa (2016), há tanto unidades fraseológicas consideradas religiosas ou mitológicas como, por exemplo, *anjo do mal*, *anjo mau*, *besta-fera* e *príncipe dos céus*, quanto aquelas consideradas metáforas com recurso disfêmico como, por exemplo, *bicho feio*, *bicho ruim*, *coisa ruim*, *cruz-credo*, e fraseologismo avaliado como metáfora com recurso eufêmico como *estrela vermelha*.

As unidades fraseológicas analisadas, com suas diferentes estruturas morfológicas, revelam a estabilidade, no sentido exposto por Mejri (2012), de relação tão íntima entre os elementos envolvidos que os leva a perderem o significado primário para obterem um novo sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A base de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil em relação à pergunta “Deus está no céu, no inferno está...”, pertencente ao questionário semântico-lexical, do campo religião e crenças, fornece uma amostra da riqueza fraseológica de que se reveste a língua portuguesa.

O estudo das unidades fraseológicas presentes nas capitais brasileiras permite, a título de conclusão, as seguintes considerações:

- (i) As construções analisadas contemplam a polilexicalidade.
- (ii) O falante cria unidades fraseológicas sob associações religiosas ou mitológicas como, por exemplo, *anjo do mal*, *anjo mau*, *besta-fera* e *príncipe dos céus*.
- (iii) Há unidades fraseológicas, como *bicho feio*, *bicho ruim*, *coisa ruim* e *cruz-credo*, que se configuram como metáforas com recurso disfêmico, e unidade como *estrela vermelha* avaliada como metáfora com recurso eufêmico.
- (iv) As nove unidades fraseológicas analisadas refletem a estabilidade no sentido atribuído por Mejri (2012) de relação tão estreita entre os elementos que os leva a perderem o significado primário para adquirirem um novo sentido.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Suzana. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014a. v. 1.
- CARDOSO, Suzana. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014b. v. 2.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil): *Atlas Lingüístico do Brasil*. Questionários. Londrina: EdUEL, 2001.
- COSTA, Geisa Borges da. *Denominações para “diabo” nas capitais brasileiras: um estudo geossociolinguístico com base no Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. 2016. 199 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- MEJRI, Salah. *Délimitation des unités phraséologiques*. In: ORTIZ, M. L. (ed.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes, 2012. p. 139-156. v. 1.

MEJRI, Salah. *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Manouba: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

GROSS, Gaston. *Les expressions figées en français. Les noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys, 1996.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 15 de agosto de 2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 24 de setembro de 2018.